

O ENSINO DE FILOSOFIA E A NECESSIDADE DE MUDANÇA: CONTRIBUIÇÕES PARA A LIBERTAÇÃO DO PENSAMENTO FILOSÓFICO

Géssyca Deize Santos Medeiros¹

Gilmara Coutinho Pereira²

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo expor algumas considerações acerca do papel que o ensino de filosofia desempenha na libertação da reflexão filosófica das amarras do pensamento europeu, ao qual somos subjugados desde o início da filosofia ocidental. Desse modo, esta pesquisa intenta apresentar respaldos e evidências que despertem a atenção dos professores de filosofia para a necessidade de oferecer um ensino de filosofia que ultrapasse o ensino enrigecido ao qual somos submetidos em nossa contemporaneidade, isto é, o ensino que perpetua a prevalência da filosofia como uma repetição da história eurocêntrica e, portanto, sem chances para o exercício do pensamento crítico, reflexivo, advindo de nosso “lugar de fala” e da diversidade que a filosofia apresenta. A partir disso, torna-se imprescindível avaliar o papel do professor de filosofia perante a busca de um ensino de filosofia aberto para as novas formas de pensar, para o despertar da criticidade dos alunos frente a própria história da filosofia, de maneira que os mesmos considerem não apenas a filosofia eurocêntrica como legítima, mas também àquelas provenientes de outras culturas e continentes.

Esse objetivo não é sem razão, já que frequentemente ouvimos falar sobre o papel e a importância que o ensino de filosofia apresenta para a formação integral dos educandos, o qual é comumente questionado e visto como dispensável pelos inimigos do pensamento crítico. Isso nos é demonstrado nas diversas críticas e tentativas de exclusão definitiva ou da obrigatoriedade da filosofia das grades curriculares do ensino básico, uma vez que depois de anos expurgada dos programas escolares³, voltou aos currículos como disciplina obrigatória e,

¹ Graduanda em Filosofia pela Universidade Estadual da Paraíba. Bolsista do Programa Institucional de Iniciação à docência (PIBID). Email: medeiros.gds@gmail.com

² Professora orientadora, Departamento de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba. Email: gilmaracoutino@servidor.uepb.edu.br

³ Já que foi excluída, pelo governo militar, da grade curricular das escolas brasileiras no período de 1971, pela Lei nº 5.692, até sua aparição, muito levemente, em 1982 como disciplina opcional pelo Parecer do Conselho Federal Educacional nº 342/82, posteriormente, ressurgiu como obrigatória, pelo parecer nº 38/2006, do Conselho Nacional de Educação e, novamente, nos dias atuais, retorna como disciplina opcional dos currículos.

atualmente, já encontra-se como opcional novamente, isso em poucos anos.

De antemão, podemos alegar que o papel da filosofia é indispensável na formação educacional, pois impacta significativamente na formação dos estudantes enquanto cidadãos pertencentes à sociedade e não de indivíduos subjugados a sua margem. Ora, é papel do professor de filosofia despertar a criticidade dos alunos perante os dilemas que irão se deparar no decorrer de sua vida social e prática, seja na escola ou para além dela. Isto é, o papel de contribuir para torná-los cidadãos aptos a vida em sociedade de forma íntegra e crítica, torná-los protagonistas do mundo em vivem, ativos, e não meros observadores.

Ao longo da história, muitos pesquisadores se debruçaram sobre as metodologias de ensino/aprendizagem com o intuito de proporcionar um maior aproveitamento dos conhecimentos abordados em sala de aula. Entre eles, destaca-se o pedagogo Paulo Freire, que no decorrer de suas obras, especialmente *Pedagogia do Oprimido*, de 1968 e *Pedagogia da Autonomia*, de 1996, defende que o professor deve considerar a realidade dos alunos e não apenas transmitir conhecimentos que figuram-se distantes da sua realidade. Sumariamente, o ensino deve partir da realidade na qual os alunos estão inseridos, pois a partir desta aproximação o professor desperta o seu interesse adquirindo melhores resultados.

Além disso, podemos observar o surgimento de propostas de metodologias ativas que possuem como intuito suprir as dificuldades de compreensão dos alunos sobre os assuntos propostos, especialmente àqueles provenientes de escolas públicas, bem como para o desenvolvimento integral das potencialidades dos alunos, os quais, pelo ensino deficitário e pela educação desvalorizada, demonstram dificuldades de concentração, apreensão e entendimento dos conteúdos, acarretando, por consequência, resultados negativos e baixa ou nenhuma perspectiva em continuar estudando após o ensino médio.

A partir desse panorama, podemos alegar que o papel do professor e do ensino de filosofia, enquanto responsável pela formação crítica dos alunos, é o de abordar as discussões e reflexões filosóficas por caminhos familiares as diversidades de suas realidades; oferecer explicações e exemplos que explorem o contexto social do educando para um melhor aproveitamento dos temas abordados, pois isso provoca uma maior participação dos mesmos na aula pela identificação, aumentando, desse modo, seu rendimento e perspectivas futuras.

É nesse contexto que emerge a necessidade de ultrapassar a filosofia como uma extensão do pensamento europeu no Brasil. Segundo pensadores como Enrique Dussel e Renato Nogueira, a filosofia não nasceu na Grécia, na verdade, ela nem mesmo possui um local de nascimento, pois emerge de uma necessidade humana que não é exclusiva dos europeus. Ora, antes mesmo de ser concebida a ideia de filosofia na Grécia, existem saberes e conhecimentos

muito bem construídos entre os povos ameríndios e africanos, especialmente entre os egípcios e os astecas, por exemplo. Sendo assim, podemos dizer que a filosofia grega seria uma entre muitas outras filosofias e, por isso, dificilmente teríamos como datar e localizar seu nascimento. Assim, o modo como a mesma é apresentada em nossas salas de aula não passa de mais um modo eurocêntrico de inferiorizar o pensamento das demais civilizações.

Em palavras mais específicas, em nossas sociedades contemporâneas faz-se necessário ultrapassar essa perspectiva eurocêntrica de que a filosofia produzida nos países colonizados seria inferior ao pensamento dos europeus. Uma das perspectivas para superar essa visão é pensar o ensino de filosofia como agente descolonizador, como forma de pensar e desenvolver o senso crítico dos educandos e não apenas transmitir os conteúdos a partir da história da filosofia que, por sua vez, é pautada no pensamento imposto pelos europeus e, por conseguinte, é totalmente distante de sua realidade.

Ora, sendo assim, podemos afirmar que o ensino de filosofia no Brasil está vinculado à mera transmissão de conteúdos provenientes da história da filosofia européia e não ao ensinar a filosofar. Este método propõe o ensino conteudista em detrimento do pensar reflexivo, em detrimento do encorajamento ao pensamento crítico perante os dilemas e questionamentos que os educandos se deparam no decorrer da vida em sociedade. Esse tipo de ensino impossibilita até mesmo o desenvolvimento de uma filosofia propriamente brasileira, bem como o conhecimento e valorização de filósofos brasileiros em detrimento de filósofos europeus.

Desse modo, conclui-se que é indispensável uma modificação no modo como se ensina a filosofia em nosso país, a fim de entendermos sua contribuição na sociedade a partir da qual se origina. Em suma, faz-se necessário um ensino de filosofia que possa encorajar os educandos ao pensamento crítico, à reflexão sobre os problemas que abarcam a sua realidade e não um ensino que promova a discussão exclusiva do pensamento europeu, que aborde e analise os problemas europeus, mas uma filosofia que promova a reflexão sobre os nossos problemas a partir de um viés filosófico, promovendo, com isso, uma autonomia intelectual, cultural e artística que nos seja própria, que emancipe nosso pensamento a fim de nos fazer vivenciar nossa própria cultura e realidade.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O presente resumo consiste em uma análise histórico-filosófica com base na pesquisa bibliográfica de textos consonantes ao tema proposto. Inicialmente, recorreu-se aos textos

Pedagogia do Oprimido e Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire, para entender as discussões que permeiam as metodologias de ensino e a necessidade de mudanças; por conseguinte foi examinado o texto *Um Ensino de Filosofia descolonizador: nem racionalista, nem conteudista*, de Brust e *Filosofia da Libertação na América Latina*, de Enrique Dussel, e *O ensino de filosofia e a lei 10.63*, de Renato Nogueira, isso com o propósito de se entender a necessidade de pensar a filosofia para além do pensamento eurocêntrico, com o intuito de defender a modificação do ensino de filosofia no Brasil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do que foi exposto, podemos afirmar que as discussões acerca da necessidade de uma modificação no ensino de filosofia de modo que a aproxime da realidade dos alunos e que não os distancie, são coerentes e necessárias, já que a filosofia trabalhada e ensinada nas universidades e nas escolas perpetua a reprodução do pensamento europeu, exemplo disso é que ainda nos referimos ao nascimento da filosofia no século VI a. C., na Grécia antiga, e exige-se, comumente, que nos especializemos em determinados autores que são, em sua maioria, europeus, e não em estudarmos e centrarmos nossas pesquisas em pensadores de nosso continente e, menos ainda, em nossos problemas filosóficos. Ora, dada a assertiva de que ainda pensamos nossos problemas a partir do olhar europeu, da visão colonizada, podemos alegar que as discussões sobre a necessidade do ensino de filosofia não eurocêntrico e de professores que a percebam para não perpetuar esse forma arraigada e ultrapassada de trabalhar questões filosóficas, é de extrema importância na contemporaneidade para despertar o interesse e o pensamento crítico dos alunos, pois apenas dessa forma, o papel do professor de filosofia e seu ensino será capaz de formar cidadãos ativos para a vida em sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi apresentado, pode-se alegar a importância da modificação do ensino de filosofia no Brasil, pois é através deste ensino, enquanto formador de cidadãos críticos, que podemos superar a autodepreciação que nos foi imposta pelo pensamento eurocêntrico, é através desse pensamento reflexivo que pode nos ser ensinado que podemos parar de inferiorizar nosso pensamento e alcançar sua emancipação. Sendo assim, podemos dizer que a filosofia e seu ensino tem muito a contribuir para a exigência contemporânea de superação do pensamento eurocêntrico imposto a nosso pensamento e modo de vida, já que a partir dela podemos atingir a reflexão autônoma, livre, emancipada que nos foi negada pela



colonização européia, contribuindo, por conseguinte, para formação de cidadãos com o pensamento crítico e transformador da realidade na qual estão inseridos.

REFERÊNCIAS

BRUST, W. A. *Um Ensino de Filosofia descolonizador: nem racionalista, nem conteudista*. Monografia (Graduação em Pedagogia). Departamento de Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro, 2017. Disponível em:

<<http://www2.unirio.br/unirio/cchs/educacao/graduacao/pedagogia-presencial/WESLEYAUGUSTOBRUST.pdf>>. Acesso em 02 de Mar. de 2022.

DUSSEL, Enrique. *Filosofia da Libertação na América Latina*, tradução de Luiz João Gaio, São Paulo: Edições Loyola, 1997.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra; 2005.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: editora paz e terra; 2011.

NOGUERA, Renato, *O ensino de filosofia e a lei 10.639*. Rio de Janeiro: Pallas: Biblioteca Nacional, 2014.